

A SEXUALIZAÇÃO DA IMAGEM DA MULHER: UM RECORTE DOS COMENTÁRIOS SOBRE A PERSONAGEM CAPITÃ MARVEL NO INSTAGRAM¹

The sexualization of a woman's image: a clipping of comments on the character Capitã Marvel on Instagram

Aline Carla França Dos SANTOS ²
Weslen Fernando Carvalho VITORIO ³
Leonardo Andrada de MELLO ⁴
Sandra Rubia Da SILVA ⁵

Resumo:

Este trabalho tem por finalidade analisar na rede social Instagram, através do user @nerd_label, comentários de usuários da rede em postagens onde a personagem Capitã Marvel aparece como assunto principal. Ao examinar as interações que ocorreram nesse ambiente, notamos que o discurso disseminado por alguns usuários evidencia a violência que as mulheres sofrem por meio da erotização de seus corpos. Nas postagens do Instagram @nerd_label, o usuário sexualiza a imagem da personagem Capitã Marvel e a compara com a sua versão do cinema, onde a personagem aparece de maneira empoderada e dessexualiza. Desse modo, por meio das interações de seus seguidores, notamos que ainda há uma exagerada sexualização do corpo feminino e a premissa de se fazer conteúdo dessa maneira para agradar o público masculino.

Palavras-chave: Sexualização, mulheres; Instagram, Marvel.

Abstract:

This work aims to analyze on the social network Instagram, through the user @nerd_label, comments from users of the network in posts where the character Captain Marvel appears as the main subject. When examining the interactions that took place in this environment, we noticed that the discourse disseminated by some users highlights the violence that women suffer through the eroticization of their bodies. In Instagram posts @nerd_label, the user sexualizes the image of the Captain Marvel character and compares it with his version of the

¹ Trabalho apresentado na 34ª Jornada Acadêmica Integrada da UFSM.

² Aluna de graduação em Comunicação Social – Produção Editorial – UFSM. E-mail: aline.santos@acad.ufsm.br.

³ Aluno de graduação em Comunicação Social – Produção Editorial – UFSM. E-mail: weslen.vitorio@acad.ufsm.br.

⁴ Mestre em Comunicação pela UFSM. Email: leonardo@arcana.com.br.

⁵ Professora doutora do Departamento de Comunicação – UFSM. E-mail: sandraxrubia@gmail.com.

cinema, where the character appears in an empowered and desexualized way. Thus, through the interactions of its followers, we note that there is still an exaggerated sexualization of the female body and the premise of making content in this way to please the male audience.

Keywords: Sexualization, women, Instagram, Marvel.

INTRODUÇÃO

Analisaremos neste artigo como ocorre nas redes a sexualização da imagem feminina por meio da análise de algumas postagens do usuário @nerd_label na rede social Instagram e a interação dos internautas com o tipo de mensagem ali disseminada. As postagens são sobre a personagem desenvolvida pelo Universo Marvel, a Capitã Marvel. O tema desperta interesse pela sua importância frente ao impacto social que o sexismo enfrentado por mulheres tem na sociedade. Essa atitude se arrasta desde os tempos pré-históricos aos dias atuais e representa um obstáculo na vida de mulheres ao longo de todo esse tempo, dificultando suas relações sociais, econômicas e políticas. Diante disso, a erotização de uma personagem feminina na indústria cinematográfica, que deveria ser empoderada, contrapõe e afeta a luta diária de mulheres contra a misoginia.

A distorcida representação da imagem do gênero feminino nas mídias sempre foi muito visível. A mulher sempre foi representada como frágil e frequentemente sexualizada através de sua vestimenta e bem como caracterizada com um emocional mais sensível que o gênero oposto. Logo, apesar das mudanças proporcionadas pelas lutas feministas, a mulher do século XXI permanece nesse contexto social e podemos ver isso através de postagens do Instagram @nerd_label onde a sexualização do corpo feminino ainda prevalece com o intuito de agradar o público masculino.

Através da análise de comentários nas postagens desse usuário, conseguimos destacar e evidenciar na escrita de internautas do gênero masculino a problemática apontada. O estudo consiste em apontar essa prática enraizada no mundo contemporâneo, demonstrando como esse preconceito afeta a imagem feminina, visto que a sexualiza e erotiza.

Neste caso, além do machismo da sociedade, a cultura no mundo geek, solidificada por esse preconceito, sexualiza as mulheres a partir de suas vestes. Assim, é preciso compreender que a forma como foram pensadas as roupas das personagens femininas comunicam algo e o que observamos, a partir das comparações e representações dos internautas sobre a personagem Capitã Marvel, foi que essas imagens femininas foram construídas apenas como um modo de satisfazer os fetiches masculinos.

Contrapondo essa prática ainda presente em sociedade, Gonzalez (2014, p. 239) diz que para se avançar no sentido de maior igualdade de gênero em nossa sociedade devem haver mudanças profundas no pensar e no agir. Exemplificando o que diz, a autora complementa:

implica ampliar as percepções que temos acerca dos lugares, das atividades, das relações sociais e das próprias definições relacionadas a homens e mulheres; implica, portanto, questionar, desestabilizar e redefinir estruturas, valores e concepções que servem como base e pilares da organização social vigente.

Logo, como afirmou a autora, é preciso compreender que as dinâmicas que vemos nas redes vão para além de somente comentários ou postagens. Eles são a expressão e a concretização de estruturas que servem como base para reger o modo como as mulheres são vestidas e representadas pela mídia há séculos. Esse tipo de perpetuação de valores e condutas afeta e faz com que ações como a da Marvel de investir em uma personagem não sexualizada sejam acometidas e não se tornem efetivas.

No limiar da história do mundo, as mulheres sempre tiveram que carregar o pesado fardo de ter sua imagem atrelada somente ao seu corpo e à servidão ao homem. Diante disso, é possível compreender o porquê delas terem demorado tanto para acessar alguns espaços, como o acesso ao trabalho, à educação, à política, entre outros.

Na mídia sua representação sempre foi pautada pela visão do homem branco e hétero e, desse modo, o avanço na representação das mulheres começa a ser questionado somente

nas últimas décadas onde encontramos mais mulheres sendo diretoras de filmes e programas, ocupando espaços de apresentações em programas ou ainda cargo de grande influência na mídia.

Para além da visão do corpo, é preciso compreender também que as mulheres carregam estigmas relacionados ao seu comportamento. Isso vai de encontro ao que diz Filho (2002) sobre uma possível gramática das emoções que tende a caracterizar o sexo feminino como frágil, insensato e inconstante.

1. Mulheres na internet

A inserção das mulheres no uso da internet foi tardia se em comparação com a dos homens, havendo assim um desfalque com relação a inclusão da mulher no mundo digital e um envolvimento muito menor quando se trata de mulheres controlando a rede (NATANSOHN et al., 2011, p. 2). Contudo, atualmente, segundo pesquisa do PNAD Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua) divulgada pelo IBGE em 2018, as mulheres acessam mais a internet do que os homens tanto em áreas rurais quanto em áreas urbanas.

Entretanto, as mulheres não partilham de igual para igual com os homens o acesso à cultura digital. Podemos perceber que a relação entre as mulheres e a internet não é muito diferente do que acontece entre as mulheres e as mídias tradicionais: a imagem da mulher é superexplorada por uma visão pornográfica (NATANSOHN et al., 2011, p. 1). A desigualdade de acesso, mesmo com a pesquisa do PNAD Contínua, é notada através da emissão de conteúdo, o poder de disseminação está focado no sexo masculino. Conseqüentemente, isso acaba por priorizar uma visão machista sobre elas, objetificando-as.

A imagem feminina é constantemente utilizada com cunho sexual e as mulheres incessantemente sofrem com a violência de gênero na divulgação de suas imagens

íntimas. Segundo a ONG SaferNet, aproximadamente 70% das vítimas de crimes virtuais são mulheres. Para além disso, surgem os crimes que são vistos como inofensivos, como a caracterização de corpos femininos em prol da satisfação do sexo masculino.

2. A representação feminina nos séculos XX e XXI

Wottrich (2018, p. 17) entende a palavra gênero como uma delimitação da escolha das mulheres como foco central de tematização. De acordo com Scott (1995, apud WOTTRICH, 2018, p. 17 e 18)

Empiricamente conceitua-se “práticas com gênero” e não “práticas sobre mulheres” porque (1) as expressões resultantes dessas práticas são relacionalmente forjadas e (2) essa tematização se torna uma arena de embates cujo insumo são as distintas concepções sobre o papel da mulher na sociedade, sobre as formas como é reconhecida socialmente, sobre os sentidos que são atribuídos feminino, enfim, sobre as diversas relações de poder que perpassam a construção de gênero.

Dessa maneira, mesmo o termo gênero sendo definido como as características que diferenciam a masculinidade da feminilidade, percebemos que essa palavra perde seu real significado e se contextualiza na passagem do século XX para o XXI como uma questão centralizada na mulher. Diante disso, o gênero feminino ganha destaque perante a sociedade, porém de uma forma negativa, sendo reduzido a uma imagem de satisfação para o gênero oposto ou de inferioridade a ele.

Como define Wottrich (2018, p. 18), as práticas de gênero hoje podem ser aglutinadas em duas principais questões: a objetificação das mulheres nos anúncios e o estímulo a comportamentos discriminatórios em relação a elas. Essas características são evidentes quando as imagens femininas em propagandas são analisadas, nelas o corpo da mulher é mostrado sempre como objeto sexual, o que reforça as ideias de mercadorização da

mulher e de disponibilidade dela para o prazer sexual dos demais. Identificando a visão inferiorizada da mulher, Wottrich (2018, p. 18) continua:

A discriminação contra as mulheres assume matizes diversos. Na publicidade, transfigura-se em representações que estimulam comportamentos preconceituosos e desrespeitosos em relação a elas. Essas representações calcam-se em estereótipos sociais que endossam as desigualdades entre os gêneros, atribuindo à mulher um papel menor.

A imagem feminina é datada de fragilidade, inferioridade, erotização, descontrole, desequilíbrio e assim se estendem os estereótipos que constroem o modo como as mulheres são classificadas em sociedade ao longo de séculos. O desrespeito com o papel da mulher perante essas visões é inegável, ele é constantemente desprezado e tratado com insignificância, sendo reduzido a apenas um corpo em que o conteúdo que o compõe não possui relevância.

Assim, pode-se compreender que a produção e a replicação desse tipo de representação é responsável pela manutenção de um sistema que objetifica a mulher e dificulta a sua vivência. Por isso, a mulher acaba por possuir uma vida mais difícil e cheia de obstáculos. Isso vai ao encontro do que destacou Simone Beauvoir (1980) ao dizer que “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Levando isso em consideração, é preciso que as dinâmicas de representação que regem as vidas das mulheres sejam revistas a fim de proporcionar uma visão justa e real delas nas mídias.

3. Limites da liberdade de expressão na internet

A internet é um fenômeno de impacto social e econômico no mundo contemporâneo, ela vem se consagrando na sociedade desde a criação da Arpanet em 1960. No contexto da Guerra Fria, a criação dessa ferramenta teve como principal objetivo fortalecer a supremacia estadunidense no âmbito tecnológico, entretanto ao passar do tempo ela foi

ganhando direções diferentes com os cuidados de diversos cientistas, como Cerf, Kah, Postel, das mais diversas instituições dos Estados Unidos, como o Massachusetts Institute of Technology e a University of California.

Ao final de sua construção, a internet recebe um de seus maiores contribuidores: Tim Berners-Lee. Criada por esse programador inglês, a World Wide Web adentrou o mundo tecnológico da década de 90 e proporcionou a disseminação da internet ao redor do mundo, pois esse instrumento começou a ser estruturalizado para além de códigos inseridos na escuridão da web arcaica, descentralizando seu uso e permitindo-o para pessoas que não fossem cientistas e geeks.

Conforme Castells (2003, p. 26 e 32) em “A Galáxia da Internet”, a internet é, acima de tudo, uma criação cultural cuja feição mais característica é a abertura, tanto em sua arquitetura técnica quanto em sua organização social. Contudo, ao analisarmos os usos da internet atualmente surgem questionamentos quanto a essa liberdade na web. Os discursos preconceituosos estão amplamente inseridos nesse ambiente e seriam eles parte dessa liberdade ou eles atingem o limite da liberdade e qual seria esse limite?

Segundo Stroppa e Rothenburg (2015, p. 451):

O exercício abusivo da liberdade de expressão é potencializado com a generalização do acesso à internet que permite às pessoas assumir uma posição ativa na relação comunicacional ao saírem da posição de receptores da informação e passarem à posição de criadores de conteúdos, os quais podem ser divulgados de maneira instantânea, sobretudo nas mídias sociais como Facebook, Twitter e Instagram, com acentuada velocidade de propagação e uma aparente possibilidade de anonimato.

Desde o seu surgimento, a internet visava dar mais alcance à comunicação humana. Ao longo dos séculos XX e XXI esse processo evidenciou-se com a chegada da tecnologia à população. Quando começaram a circular os primeiros celulares e também quando os

computadores surgiram nas casas de pequenas e grandes famílias notou-se que a internet teria total potencial para disseminar informações mais rapidamente. Quando a tecnologia evoluiu a ponto de trazer os celulares a palma da mão e o total acesso ao mundo cibernético da internet, as pessoas viram ali uma oportunidade de se expressarem, deixando de serem meros receptores para se tornarem também produtores de conteúdos na rede. Lemos (2006) em seu texto sobre a cibercultura classifica isso dentro de suas três leis como liberação do pólo da emissão.

A liberação do pólo de emissão, segundo Lemos (2006, p. 2), consiste na produção e emissão de informação de forma livre, multimodal e planetária, porém os usuários de redes sociais extrapolam essa liberdade ao usarem seu poder de disseminação como potencializador de preconceitos. Stroppa e Rothenburg (2015, p. 451) falam sobre limitação a essa liberdade:

A presente abordagem ocupa-se da possibilidade de limitação à liberdade de expressão em razão da exteriorização de conteúdos discriminatórios ou discursos de ódio. Sob o manto enganoso da liberdade, a expressão discriminatória vulnera objetivos da República brasileira, de construção de uma sociedade livre, justa e solidária, compromissada com a promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (Constituição, art. 3º, I e IV).

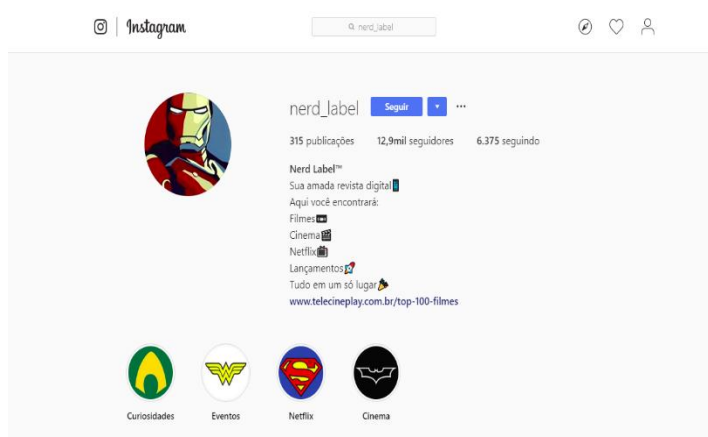
Assim, é preciso compreender que, apesar de existir uma liberdade que não possuíamos antes da internet, tê-la agora não faz com que possamos ultrapassar os limites que a cercam, em especial, quando eles atingem a liberdade dos outros.

4. Um breve retrato da objetificação sofrida pelas mulheres

O instagram analisado possui o user @nerd_label e consiste em um espaço voltado a trocas entre os fãs do Universo Marvel. Atualmente, ele possui cerca de 9.919 seguidores

e 345 publicações. Sua principal atribuição na rede e na comunidade de fãs é atualizar os usuários sobre o Universo da Marvel e faz parte dessa dinâmica postar o comparativo entre as roupas dos personagens dos(as) filmes/séries e dos quadrinhos.

Figura 1: captura de imagem do perfil do @nerd_label no Instagram.



Fonte: perfil @nerd_label no Instagram (2019).

Serão analisadas três postagens sobre a Capitã Marvel em que nelas é possível ver as dinâmicas que acontecem na rede e promovem uma visão sexualizada dos corpos das mulheres. Além disso, podemos ver que, em alguns casos, essa prática é sutil, porém isso não a torna menos grave.

A primeira postagem a ser analisada consiste em uma comparação entre a personagem dos filmes e a dos quadrinhos. Na postagem o user @nerd_label questiona os fãs da Marvel sobre qual uniforme da personagem Capitã Marvel é o melhor, o dos quadrinhos ou o dos filmes.

Figura 2: postagem do Instagram @nerd_label comparando os uniformes da personagem Capitã Marvel nos filmes e nos quadrinhos.



Fonte: perfil @nerd_label no Instagram (2019).

Segundo a conta, o uniforme da Capitã Marvel dos quadrinhos supera o dos filmes, pois é simples e possui poucos traços, encantando-os. Entretanto, em um dos comentários respondidos pela conta percebemos que essas não são as únicas motivações do usuário para escolher o uniforme dos quadrinhos.

Figura 3: comentário do user @nerd_label na publicação apresentada na Figura 2.



nerd_label

kkkkkkk! Eu acho o porte físico da capitã do gibi mais legal, e a Brie Larson ficou muito antipática! Não me representou!

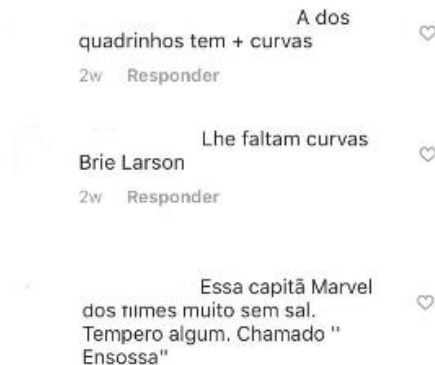
Fonte: perfil @nerd_label no Instagram (2019).

Como visto, o @nerd_label utiliza também aspectos físicos para justificar sua escolha e ao final ainda comenta que a atriz que interpreta a personagem nos filmes seria antipática. Nota-se que, mesmo a enquete podendo ser apenas uma comparação entre figurinos, o cunho sexual sempre é levado em consideração por se tratar de uma mulher.

Na descrição da postagem, o *user* defende sua escolha com base na maneira como é construído o uniforme da personagem. Contudo, o comentário deixa explícito o real fundamento de sua escolha: a mulher mais bem definida fisicamente.

Os seguidores da conta também usam o mesmo argumento para justificar a escolha do melhor uniforme ao longo dos comentários. A maioria prioriza o uniforme dos quadrinhos por a personagem representada ter curvas mais acentuadas que a atriz que a interpreta nos filmes.

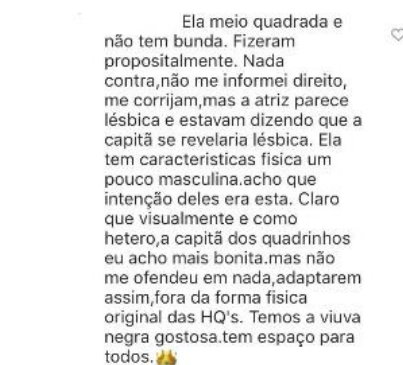
Figura 4: comentários de internautas na publicação apresentada na Figura 2.



Fonte: perfil @nerd_label no Instagram (2019).

Os comentários acima evidenciam uma cultura geek que consiste na objetificação feminina através da sexualização do corpo da mulher. As mulheres são idealizadas apenas como objeto de satisfação dos prazeres masculinos e precisam estar no padrão de beleza corporal exigido: curvas, seios enormes e nádegas maiores ainda. Caso não cumpram esse papel, são taxadas como “sem sal” e “insossa” como mostra o último comentário.

Figura 5 – Comentário de internauta

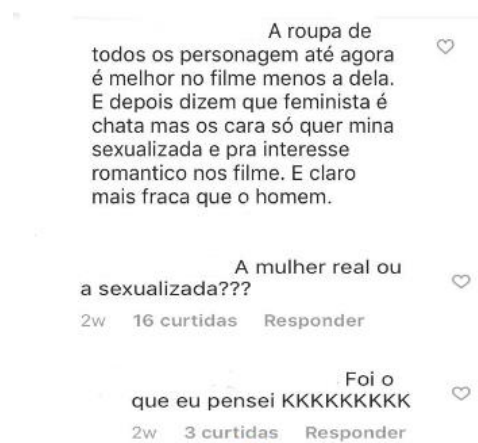


Fonte: perfil @nerd_label no Instagram (2019).

Mais uma vez um homem nos comentários ressalta os artifícios corporais da personagem para justificar sua escolha. Dessa vez, ele ainda acrescenta fundamentos com relação a sexualidade da atriz, afirmando que, por ela não estar no padrão sexualizado do HQ, ela possui características masculina que a tornam lésbica.

Contrapondo todos esses comentários, há mulheres denunciando o machismo mascarado na publicação e explícito nos comentários:

Figura 6: comentários de mulheres na publicação apresentada na Figura 2.



Fonte: perfil @nerd_label no Instagram (2019).

É possível ver claramente do ponto de vista feminino o quanto postagens e comentários assim afetam a luta diária de mulheres em busca de igualdade e respeito perante a sociedade. Mesmo a Capitã Marvel sendo um símbolo feminino poderoso no Universo Marvel, o machismo enraizado em todos os lugares da sociedade diminui seu valor diante do ativismo feminista.

A segunda publicação elege uma arte da Capitã Marvel como a melhor daquele final de semana e questiona os seguidores sobre o motivo da mesma ter vencido. A imagem vencedora mais uma vez utiliza recursos como seios e nádegas grandes para erotizar a figura feminina e agradar o público masculino.

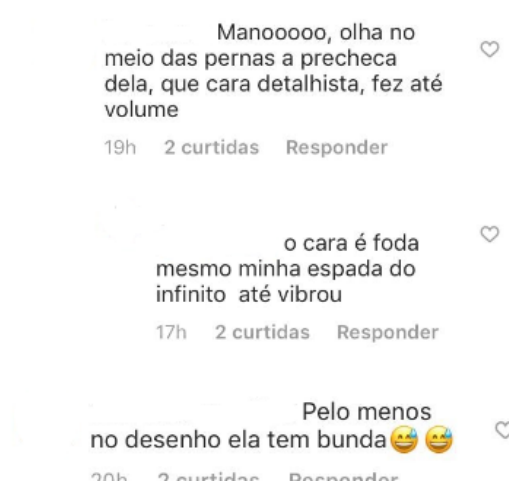
Figura 7: postagem do Instagram @nerd_label sobre a melhor arte da semana.



Fonte: perfil @nerd_label no Instagram (2019).

Novamente o cenário da postagem anterior se repete: a sexualização da imagem feminina.

Figura 8: comentários de internautas na publicação apresentada na Figura 7.



Fonte: perfil @nerd_label no Instagram (2019).

Nesta ocorrência, a parte íntima feminina desenhada é motivo de ereção para um dos usuários, o que reflete a ideia machista de que a mulher é apenas um objeto de prazer masculino, desumanizando assim o sexo feminino.

Entretanto, há homens que percebem essa sexualização, refutam o machismo atual e reforçam o combate às atitudes dessa natureza.

Figura 9: comentário de internauta na publicação apresentada na Figura 7.

Pq tá mais
sensualizada que atriz pornô

Fonte: perfil @nerd_label no Instagram (2019).

A terceira e última postagem também é referente a uma arte vencedora de um concurso da página no Instagram.

Figura 10: postagem do Instagram @nerd_label sobre a arte vencedora de um concurso.



Fonte: perfil @nerd_label no Instagram (2019).

Os comentários dessa postagem também mencionam o órgão íntimo feminino:

Figura 11: comentários de internautas na publicação apresentada na Figura 10.



Fonte: perfil @nerd_label no Instagram (2019).

De maneira pejorativa, os comentários realçam os atributos do corpo feminino apresentado.

Por fim, o último comentário analisado critica a posição do usuário da conta. Ele acentua o feito do Universo Marvel nas telas de cinema, o empoderamento feminino da personagem, e condena a atitude do user @nerd_label e seus seguidores com cunho machista. Reprovando a arte vencedora, ele denuncia a objetificação da imagem feminina.

Figura 12: comentário de internauta na publicação apresentada na Figura 10.

Parem de
fazer heroínas em poses tão
sexualizadas. Credo, mano! A
Marvel fez um trabalho hercúleo
para fazer uma heroína mulher
em tela sem sexualiza-la..

18h Responder

Arte e feia e
vulgar. Não objetifiquem as
mulheres!

18h Responder

Fonte: perfil @nerd_label no Instagram (2019).

Considerações finais

Apesar da Marvel ter adotado um discurso pró feminino e ter buscado trazer uma personagem sem muitos traços corporais acentuados, pode-se notar que a estratégia não funcionou de forma efetiva, uma vez que as produções das demais produtoras e também as práticas estruturadas na sociedade vão ao contrário disso. Diante das análises dos comentários dos internautas se percebe isso e a falta de pudor com as palavras ao comentarem sobre a Capitã Marvel.

Assim, evidencia-se que o machismo continua de certo modo regravando a forma como as mulheres vivem atualmente. Seja no comportamento ou na vestimenta, elas continuam sendo objetificadas e tratadas apenas como uma posse para o homem. Sua imagem não mudou, ela permanece estagnada e avança para um futuro incerto. Vale ainda ressaltar que a falta de liberdade que elas sofrem acaba por moldar e alterar seu comportamento ao longo da vida.

A objetificação da personagem, que buscava trazer a proposta de empoderamento e dessexualização, ressalta que ainda há enormes avanços para serem feitos no que tange às lutas por uma representação da mulher na mídia e também o combate ao patriarcado

que as oprime diariamente. Ademais, a internet não é um lugar sem lei e esse tipo de manifestação deve ser denunciada e combatida.

Referências

CASTELLS, Manuel. A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. (Capítulo 1, “Lições da história da Internet”, p. 26 e 32).

DUNDER, Karla. Mulheres acessam mais a internet que os homens, diz IBGE. **R7**, São Paulo, 20/12/2018 - 11h14. Disponível em: <https://noticias.r7.com/economia/mulheres-acessam-mais-a-internet-que-os-homens-diz-ibge-20122018> . Acesso em: junho 2019.

FILHO, João Freire. **A Comunicação Passional dos Fãs: Expressões de Amor e Ódio nas Redes Sociais**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-2085-1.pdf> Acesso em: 22 jun 2019.

GONZALEZ, Débora de Fina. Entre público, privado e político: avanços das mulheres e machismo velado no brasil. **SciELO, São Paulo, 2014**. Disponível em: <https://www.scielo.org> . Acesso em: junho 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/198053142850>.

In: SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. In: Educação e Realidade. Porto Alegre, 16 (2):5-22, jul/dez 1995.

LEMOS, A. **Cibercultura como território recombinate**. In: TRIVINHO, E., CAZELOTO, E. (orgs). A cibercultura e seu espelho. SP: Abciber/Itaú Cultural, 2010. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/257045893/Andre-Lemos-Cibercultura-Como-Territorio-Recombinante>. Acesso em: junho 2019.

NATANSOHN, Graciela. BRUNET, Karla Schuch. PAZ, Mônica Dantas. **Mulheres na Cultura Digital: perspectivas e desafios**. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2011/resumos/R28-1011-1.pdf>. Acesso em: junho 2019.

LABEL, Nerd. **Nerd Label**. 2021. Instagram: @nerd_label. Disponível em: https://www.instagram.com/nerd_label/?hl=pt-br. Acesso em: 30 jan. 2021.

PEREZ, Fabíola. Mulheres são vítimas em 70% das violências de gênero na internet. **R7**, São Paulo, 06/09/2018 - 05h00. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/mulheres-sao-vitimas-em-70-das-violencias-de-genero-na-internet-06092018>. Acesso em: junho 2019.

SANTOS, Magda Guadalupe. **SIMONE DE BEAUVOIR. “NÃO SE NASCE MULHER, TORNA-SE MULHER”**. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/2081/2250>. Acesso em: 22 de jun 2019.

STROPPA, Tatiana. ROTHENBURG, Walter Claudius. Liberdade De Expressão E Discurso Do Ódio: O Conflito Discursivo Nas Redes Sociais. **Revista Eletrônica do Curso de Direito da Universidade Federal de Santa Maria.** Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revistadireito/article/view/19463>. Acesso em: 22 de jun 2019.

WOTTRICH, Laura Hastenpflug. **Os “Justiceiros De Internet” E Suas Práticas De Contestação Da Publicidade.** Disponível em: <https://www.compos.org.br/>. Acesso em: junho 2019.